

NADA SERÁ DO JEITO QUE JÁ FOI UM DIA: RELATO SOBRE A VIVÊNCIA DE SECRETARIADO NO GT CORONAVÍRUS UFRJ

Jaqueline Maria Freitas Prioli Novaes¹

Sempre que escuto a música “ Como uma onda”, clássico de Lulu Santos, lembro-me da filosofia budista que diz que a única coisa permanente no universo é a impermanência. Aceitá-la para alguns pode ser perturbador, ao passo que para outros, seria uma experiência libertadora: “Tudo muda o tempo todo no mundo (...)”.

E mudança foi o que vivenciamos na prática desde que, em março de 2020, fomos informados pela mídia de que a Organização Mundial de Saúde decretou a pandemia de Covid-19. Mesmo sem dimensionar ao certo o que viveríamos a partir desse evento, senti que viriam tempos sem precedentes em nossa geração.

Na UFRJ as ações começaram rapidamente: em decisão colegiada, o calendário letivo foi suspenso poucos dias seguintes ao seu início. Professores, estudantes e trabalhadores da universidade, foram orientados a manterem-se em casa, até que se decidisse quais seriam as próximas ações, tendo por base a OMS e o Ministério da Saúde, tudo isso visando a preservar o corpo social da universidade dos riscos de contágio, os quais nem conhecíamos exatamente, mas considerando o que acontecia na China e Europa não era algo a ser subestimado. *Pari-passu*, a Reitoria já reunia o seu gabinete de crise e criava grupos de trabalho multidisciplinares, com objetivos bem especificados, compostos por seus melhores especialistas em áreas do conhecimento como: epidemiologia, virologia, psicologia, ética na pesquisa, saúde e segurança do trabalho, pesquisa em saúde, análise de dados, tecnologia da informação, engenharia, comunicação, logística, administração e outras, que dariam suporte à gestão nas tomadas de decisão.

O Grupo de Trabalho Multidisciplinar da UFRJ sobre a Coronavirus *Disease* (COVID-19) - GT Coronavírus UFRJ, coordenado pelo epidemiologista Prof. Roberto de Andrade Medronho, reuniu-se pela primeira vez bem no início de fevereiro, logo que notícias sobre uma doença viral, que se espalhava pela China e chegava à Europa, começaram a ser divulgadas. Em 28 de março de

¹ Doutoranda em Educação - PPDE-UNESA. Secretária Executiva/ DAA/COPPE/UFRJ, Secretária do Grupo de Trabalho Multidisciplinar da UFRJ sobre a Coronavirus *Disease* (COVID-19),

2020 fui convidada a secretariar o grupo, o que aceitei de pronto, pois percebi muito rapidamente que só com o esforço conjunto, poderíamos lograr êxito na missão que nos estava sendo conferida: a de documentar as discussões e testemunhar a construção do conhecimento que aquele grupo de especialistas estava gerando para ajudar a UFRJ e, porque não dizer, a sociedade em geral, no enfrentamento ao novo coronavírus.

A partir do GT Coronavírus UFRJ, outros pesquisadores foram se agregando a subgrupos de trabalho, ajudando em assuntos com temáticas mais específicas e situações mais pontuais. O GT multidisciplinar se reunia inicialmente todos os dias às 8h, durante a semana, e às 9h aos sábados, domingos e feriados. Apenas em 15 de junho é que passaram a se reunir às segundas e quintas-feiras também às 8h, o que vem acontecendo até este momento.

O Prof. Roberto Medronho (FM), sempre incentiva a participação de todos, seja ativa, seja com o compartilhamento de *papers*, para que o grupo se mantenha atualizado sobre os últimos estudos sobre a doença. Sempre leva questões que nos impactam diretamente à apreciação do GT Coronavírus, propondo, a partir de problemas concretos, a elaboração de notas técnicas à comunidade, bem como acompanha de perto todo o trabalho desenvolvido nas diversas frentes de combate à pandemia na UFRJ, de acordo com a evolução do cenário da Covid-19 na UFRJ, no país e no mundo.

As diversas frentes de ação e pesquisa do GT contam com a colaboração de mais de 70 pesquisadores (que figuram entre os maiores estudiosos de suas áreas), pessoas que com generosidade partilham seus saberes em busca de um melhor entendimento sobre a Covid-19, suas formas de contágio, o ritmo de crescimento na população, possíveis caminhos para tratamentos, além de procurarem resolver questões mais imediatas como conseguir doações para viabilizar o desenvolvimento de pesquisas, submeter projetos a editais de fomento e estimular na instituição tudo o que é possível no que se refere a produzir e testar insumos e mesmo fabricar alguns EPIs e EPCs, mobilizando toda a universidade a trabalhar de maneira sinérgica e colaborativa.

Dos 70 pesquisadores, 18 puderam dedicar-se mais assiduamente às reuniões, pois a maioria estava envolvido diretamente em atividades que exigiam dedicação integral como: atendimento a pacientes, testagem laboratorial, coleta de dados, desenvolvimento de equipamentos, pesquisas farmacológicas, atendimento psicossocial aos profissionais de saúde a aos familiares de pacientes... Mesmo assim, sempre que podiam, traziam ao grupo o que se passava na linha de

frente, mostrando-nos os impactos da pandemia na universidade e todo o esforço empenhado pelas suas equipes na luta contra o SARS-Cov-2.

A experiência de convívio com esses especialistas e a observação da dedicação ininterrupta deles ao trabalho nesses últimos 11 meses, me motivou a escrever este relato.

MEMÓRIA COLETIVA

Desde o início da minha trajetória na UFRJ, que fez 10 anos em 03 de fevereiro deste ano, sempre procurei conhecer o máximo possível sobre a universidade, interagir com pessoas de diversos setores, de outras unidades, para auxiliar da melhor maneira possível as minhas chefias. Confirmei, na prática, que há sempre espaço para o aprendizado na profissão para a qual nos dedicamos com compromisso e paixão. O suporte ao GT Coronavírus me deu maior clareza da importância de nossa centenária instituição para cada técnico administrativo, professor, estudante, para as comunidades do entorno, para o país e para o mundo.

O sociólogo Maurice Halbwachs (2006), em seus estudos sobre memória coletiva, estabelece que:

[...] a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas - evolui segundo suas leis e, se as vezes determinadas lembranças individuais também a invadem, estas mudam de aparência a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal (p. 72).

É importante destacar o trecho acima, pois muitas das memórias presentes neste relato, não me pertencem integralmente. Elas foram construídas pela convivência ao longo deste ano, muitas vezes não apenas no espaço da webconferência (reuniões de, em média, 1 hora e meia), mas nas ligações de desabafo de colegas ao fim do dia, ou nas mensagens trocadas em após às 23h, com membros do grupo em plena atividade de trabalho, em que refletimos sobre determinada pauta, esclarecemos alguma dúvida ou, simplesmente, desejávamos conversar.

Nem os áudios, nem as atas de reunião - tantas que precisarei de algum tempo para concluí-las - podem dizer o que os encontros representam para o grupo e para o enfrentamento à pandemia de Covid-19 na universidade. Cuidar dessa memória tem sido para mim um privilégio. A tarefa de passar para o papel tudo que está sendo compartilhado nesses encontros, memória que preservo em mais de um arquivo, em três cadernos inteiros e no coração, é uma experiência ímpar para uma

profissional de assessoria e secretariado e certamente me acompanhará por toda a vida. Aliás, o meu fazer secretarial se ressignificou muito a partir dessa vivência.

ESTAMOS EM GUERRA!

A expressão repetida com ênfase pelo Prof. Guilherme Horta Travassos (PESC/COPPE/UFRJ) - que com o Prof. Medronho (Faculdade de Medicina), Prof. Claudio Miceli (PESC e NCE), Profa. Priscila Lima (PESC e NCE) e outros, passam até hoje noites a fio coletando dados, buscando informações sobre a evolução da doença para atualização do “Covidímetro”, tornou-se para nós uma espécie de “*mot de passe*” para reanimar a equipe cada vez que o cansaço chega, trazendo a real dimensão sobre o combate ao inimigo invisível contra o qual estamos lutando. Os vários estudos compartilhados no grupo de Whatsapp (nacionais e internacionais) nos mostram a habilidade e a resistência do SARS-CoV-2, que “dribla” o conhecimento científico acumulado até agora e nos faz refletir sobre o intrigante universo da virologia, cujas particularidades nos são sempre esclarecidas pelo Prof. Davis Ferreira (IPPMG).

A “guerra” também é de ordem psicossocial. Tanto que para dar suporte a essa frente de combate, no que tange à atenção aos pacientes, suas famílias, aos profissionais das unidades hospitalares e aos estudantes, as professoras Marisa Palácios e Claudia Vater, doaram toda a sua expertise nos estudos sobre ética e saúde mental. Ao criarem as Centrais para Atendimento às Famílias dos Pacientes e para Atendimento aos Profissionais de Saúde da UFRJ, com o suporte tecnológico do PESC/COPPE, do NCE, da Escola Politécnica, do CCS, da Prefeitura Universitária e do CT que reforçaram o cabeamento de fibra ótica e redirecionaram antenas para melhorar a redundância da rede. Os equipamentos foram conseguidos por empréstimo de outros projetos - cujo apoio do Prof. Antonio José Leal (IESC) foi fundamental - e do árduo trabalho voluntário dos internos da Faculdade de Medicina, estudantes do Serviço Social, Psicologia e trabalhadores de vários setores da universidade, juntamente com a CPST/PR4, para se revezarem nas salas de atendimento 24 horas por dia, de maneira a sempre haver alguém disponível para ajudar e/ou simplesmente ouvir, a qualquer tempo, quando procurados. Uma verdadeira força-tarefa! Criar o canal, as salas online e, em alguns casos, oferecer o encaminhamento adequado, é um dos grandes orgulhos do GT e uma iniciativa que foi reproduzida em vários outros estados.

Na guerra, uma das trincheiras mais dedicadas foi a da testagem. Com compromisso e coragem, a equipe sob a supervisão da Profa. Terezinha Castinheiras (FM), com a colaboração do prof. Rafael Galliez (FM), está sempre a postos, pronta para seu importante trabalho. Por algumas vezes, a procura por ajuda se deu em condições tão críticas, que foi necessário criar uma sala de internação junto a testagem, para prestar um atendimento imediato até que se pudesse realizar a transferência para o hospital.

Na guerra não poderia faltar um plano. E foi com seu conhecimento sobre riscos que o Prof. Alexandre Oliveira (EEAN) conduziu os trabalhos de elaboração do Plano de Contingência para enfrentamento da pandemia causada pelo novo coronavírus (Covid-19) no âmbito da Universidade Federal do Rio de Janeiro com a supervisão do GT Coronavírus, em conjunto com o Gabinete de Crise da Reitoria. Dentro da estratégia de antecipar-se aos riscos, também foi elaborado o Guia de Biossegurança, cujos trabalhos foram coordenados pela Profa. Bianca Ortiz (CCS), com a supervisão do GT Pós-Pandemia.

O ALTO DA CURVA

À medida que a curva chegava ao ponto mais crítico, víamos que os cenários que mais nos assustavam começavam a se tornar concretos. A universidade conseguiu se preparar para que não lhe faltasse equipamentos de proteção nas unidades hospitalares, um grande receio desde o início, os profissionais dessas unidades trabalharam com toda a entrega que lhes foi possível. Na questão de compras e logística, destacaram-se no grupo o Prof. Célio Albano (POLI e COPPE) e a administradora Angelúcia Muniz (Complexo Hospitalar). A PR-4 conseguiu reforços de pessoal com contratações, alguns profissionais foram remanejados interunidades, as reformas das enfermarias garantiram mais atendimentos, a ampliação do CTI salvou muitas vidas, mas infelizmente também tivemos baixas. A reforma da morgue do HUCFF e uma parceria na Praia Vermelha garantiu abrigo digno aos corpos.

Nesses dias mais críticos as reuniões precisaram mais objetivas. Havia muito a ser feito. Percebia-se nas falas e nos rostos, o cansaço e a apreensão sobre o que estava por vir. Alguns de nós perderam noites de sono e, mesmo na hora do descanso, a realidade era dura demais para relaxar. Mesmo motivados a trabalhar, um sentimento misto de coragem e tristeza também pairava

no ar, pois os números, para alguns de nós, agora tinham rostos. Ali estavam profissionais que são acostumados com as possibilidades que existem ao se cuidar de pacientes, sensibilizados ao extremo pelas perdas, que doíam muito. Houve em algumas reuniões, em nome de colegas que se foram, minutos de silêncio, procurou-se contatos com profissionais de outros estados e de outros países na tentativa de buscar informações sobre a condução dos seus trabalhos e possíveis soluções encontradas e também houve muita saudade de grandes pessoas que se foram.

A cada colega de UFRJ que perdemos na batalha, a cada ponto ascendente na curva de casos, foi preciso encontrar mais forças para a luta. Não significa que em alguns momentos, não foi necessário fazer uma espécie de catarse entre nós, para retomarmos um pouco do fôlego e continuar na batalha. Pensar nos colegas da linha de frente, no esforço hercúleo das equipes de médicos, enfermeiros e demais profissionais das unidades hospitalares, que se dedicaram acima do limite aos seus ofícios e de tantos outros cujo fazer envolvia a exposição direta ao patógeno, era algo que por vezes nos trouxe lágrimas aos olhos, sem entendermos ao certo se por emoção ou por empatia. Talvez os dois.

O comprometimento do Prof. Amílcar Tanuri (IB) para dar conta de entregar os resultados dos testes de forma célere, do Prof. Jurandir Nadal (PEB/COPPE) para desenvolver o ventilador VEXCO, da Profa. Leda Castilho (PEQ/COPPE) para viabilizar um teste rápido e para acompanhar o experimento com plasma de cavalos, o empenho das PR6 e PR3 que cuidaram da parte prática da questão na UFRJ (gestão e governança/ orçamento e finanças), da COPPETEC e da FUJB, que mobilizaram empresas e sociedade em busca de doações, além da articulação da Reitora e do Vice-reitor com outras instituições de ensino e pesquisa, mostrou do que a universidade é capaz em termos de resposta à sociedade quando é convocada.

E observando todos esses acontecimentos, testemunho uma mudança acontecer: professores, médicos, engenheiros, técnicos-administrativos e estudantes se mobilizando em prol da UFRJ e do seu entorno em um todo único, entregando-se a uma causa tão grande que só poderemos entender o seu tamanho daqui a alguns anos.

Secretariar o grupo não é tarefa fácil, mas me faz compreender ainda mais o sentido de colaboração que a academia teve que redescobrir com a crise. Afinal, não importa quais forças adversas tentem agir para atacar a ciência e a pesquisa, eles ainda são as forças capazes de transformar o mundo.

CONSIDERAÇÕES (AINDA NÃO) FINAIS

Voltando à música “ Como uma onda” que deu início a este relato. Infelizmente ainda estamos em uma longa “primeira onda” com a sensação de que ainda falta muito para seu final. O cansaço chega, mas não há tempo para deixá-lo permanecer. “Há tanta vida lá fora” que depende desse esforço e é por ela que seguimos.

Tive enfim a sorte de conhecer alguns heróis e de tê-los como amigos. Alguns não consegui nominar neste relato, mas a eles também expressei minha gratidão. Tais heróis, muitas vezes estão escondidos por trás de óculos, na administração de unidades, trabalham com a limpeza e organização, na vigilância, na manutenção, usam jalecos ou enxergam o mundo por meio da lente de microscópios. São guerreiros que acompanham atentamente os números em monitores, que estão à beira dos leitos verificando a evolução do estado de saúde de um paciente ou que se colocam a postos para ouvir e responder uma família aflita. Longe de almejam uma coroa de louros ou medalhas ao fim das maratonas diárias, o que eles desejam mesmo é ver em breve as pessoas com saúde pelas ruas e que elas tenham razões para comemorar o simples fato de estarem vivas, lembrando daquela velha máxima contida na canção: TUDO PASSA, TUDO SEMPRE PASSARÁ.